

O TEXTO COMO AGENCIAMENTO AUTORAL DE VOZES: A REDAÇÃO NO VESTIBULAR

João Carlos Catellan*
Rita Maria Decarli Bottega**

ABSTRACT: *It's common to publish texts in which the choice is to demonstrate various kinds of problems that occur in texts produced by students in learning or public contest situations. In this work we made the for going in other perspective: we try to analyze a text considered of a good level by the staff that evaluated it. We hope that the presented analysis may be useful to teachers and students who need to know better the textualization procedures. As we can notice, the quality of the text come from the fact that it uses a group of voices and settle on it an authoship work.*

1 INTRODUÇÃO¹

Às vezes, sabe-se lá que razões os motivou, vêem-se trabalhos sendo levados a público nos quais são arrebanhados conjuntos numerosos de impropriedades produzidas por alunos que, por algum motivo, tiveram que produzir textos: estas razões vão desde exigências feitas por escolas, até situações de concurso público, em que a produção do texto tem claramente razões classificatórias, senão de reprovação. Nesse caso, o ato de mostrar as “pérolas” escritas pelos candidatos busca apresentar o porquê de o candidato ser julgado incompetente para estar ocupando um certo lugar. A pergunta que se poderia fazer é: em que essa atividade contribui para que um *estar-aqui* e um *poder-estar-lá* possam ser redimensionados? A mera constatação de que se está num determinado ponto do saber necessário para ser julgado competente para entrar em determinadas esferas parece não oportunizar os conhecimentos necessários para alcançá-la, criando, por outro lado, a sensação de que escrever bem só é possível para pessoas especiais.

* Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

** Professora da Universidade Estadual do Oeste do paraná

¹ Neste artigo, não se tomará, de forma rígida, os conceitos de texto e discurso. Às vezes, eles vão parecer intercambiáveis. Tem-se clareza de que eles não são a mesma coisa: mas, para os propósitos que se perseguem aqui, eles podem ser tomados com essa imprecisão conceitual, pois tal opção, em tese, não deverá causar um prejuízo despropositado.

Muitas vezes, entre alunos e professores, existe a idéia de que escrever bem é uma questão de dom, de inspiração ou, indo contra essa idéia, de mera incorporação de técnicas. Numa ou noutra postura, subtrai-se do texto a atividade de linguagem que ele efetivamente é: um trabalho lingüístico. Este texto objetiva caminhar na contramão desta mirada: a opção que se busca trilhar se faz no sentido de analisar um texto julgado bom para a situação de avaliação prevista, buscando evidenciar por que ele pôde ser assim considerado pela instância que o avaliou².

Na polêmica travada com Richard Rorty, em *Interpretação e Supertinterpretação* (2001, p. 172), Eco afirma que “Maravilhar-se é a fonte de todo conhecimento, por que o conhecimento é uma fonte de prazer e porque é simplesmente belo descobrir por que e como um determinado texto pode produzir tantas boas interpretações”. Em certo sentido, a escolha do texto abaixo para a análise tem a ver com este maravilhar-se. A pergunta que a ele se endereça é por que, no meio de quase duas dezenas de milhares de textos, ele acabou sendo destacado e recebendo uma avaliação acima da média normal atribuída pelos corretores. A aposta que se faz é que ele deve conter alguns “ingredientes” que o diferenciam dos demais: esses elementos devem ter produzido o maravilhar-se e, uma vez elucidados, eles devem poder vir em auxílio de outros produtores de texto. A afirmação de Eco, enfim, é o *leitmotiv* que conduzirá a análise a seguir.

2 O OBJETO DE ANÁLISE

No vestibular da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná –, a prova de redação é avaliada em termos de uma escala que vai de zero (0) a sessenta pontos (60), que são transformados depois num valor percentual, de acordo com o curso, a ser somado à nota geral do vestibulando. Para que a nota final dada ao texto seja obtida, ele é corrigido por três corretores. Há uma primeira avaliação e, em seguida, o texto passa, aleatoriamente, para um segundo corretor, que também atribui nota ao texto, com base em critérios detalhados e estabelecidos, sem conhecer a nota atribuída pelo primeiro corretor. Por fim, o mesmo texto vai para um terceiro corretor, com formação específica na área do texto e do discurso, que atribui ao mesmo uma nota final, tomando por base as duas notas anteriormente dadas pelos outros dois corretores. Ao texto que será analisado, foram dados *cinquenta e oito* pontos como nota final, o que é um fato raro na avaliação das provas. Por que isto teria acontecido? O que teria levado os corretores a atribuírem esta pontuação ao texto? É o que se procurará desvendar a seguir. Eis o texto.

² Embora a análise vá se centrar na questão da polifonia organizada pelo texto, é óbvio que, sem uma roupagem adequada no plano da expressão (pontos, vírgulas, acentos, coesão, etc.), o texto não lograria o êxito que obteve.

“Estrela” para a vida inteira?”

Composto polar, com geometria angular, onde o oxigênio é o elemento mais eletronegativo, faz pontes de hidrogênio como relações intermoleculares e ligações intramoleculares covalentes. Parece complicado tratar a “molécula da vida” sob a ótica da química enquanto estamos acostumados a abrir a torneira e vê-la jorrar cristalina, inodora e insípida.

O Brasil pode ser deficiente em muitas áreas, como segurança, saúde, educação, porém possui um considerável recurso: água em abundância (o que não quer dizer que todos os brasileiros a possuam). Apesar da Terra ser considerada um “planeta água”, por possuir cerca de 70% de sua superfície coberta pelo líquido, a maioria deste é composto pelos oceanos o que o inviabiliza ao consumo. Ainda existe a parte que cabe às precipitações, evaporações, presente nos organismos e nas calotas polares, restando assim pequena parcela de água doce em condições de uso.

Possuímos quase 20% do reservatório aquoso mundial e ainda sofreremos com problemas hídricos. A região do Sertão Nordestino atingida pela falta de chuvas (relacionadas a presença do Planalto da Borborema) poderia ter seus problemas amenizados com o redimensionamento do “Velho Chico” mas falta iniciativa governamental. A região Sul possui o maior reservatório subterrâneo do planeta, o Aquífero Guarani, e apresenta regiões onde o abastecimento hídrico é deficiente.

Enquanto tropeçamos nessa “pedra no meio do caminho” chamada desperdício, usando água potável até nas descargas das privadas, países como Israel dispõem consideráveis recursos na captação dela por meio de destilações. Não esquecendo de Estados Europeus onde o que chega às torneiras é água retirada e reabilitada dos esgotos de suas cidades. Não raro é encontrar nestes países locais onde quarto com chuveiro é mais caro em hotéis e o hábito, próprio dos brasileiros, não deve ser diário.

Enquanto enxergamos nosso país bucolicamente, como arcades em ambiente campesino, nos esquecemos de quão efêmero é o “ouro transparente” que possuímos. Destruindo matas ciliares, nos descuidando com efeitos como o da chuva ácida ou da poluição em nossos mananciais, no futuro mesmo “cidades das águas” como Cascavel poderão ser retratadas com “Vidas Secas” como em “O Quinze” em um “Grande Sertão: Veredas”.

Transcrição de um texto produzido por um candidato, no vestibular 1/2002, da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

3 INICIANDO A ANÁLISE

Talvez, uma das crenças que tenha determinado por longo tempo o norte de reflexão das pessoas envolvidas com a problemática da produção de textos tenha sido a idéia fixa de que bastava que o texto se ativesse a uma

certa forma predeterminada e ele seria bom. Ou seja, um texto seria portador de uma textualidade adequada, na medida em que atendesse a um conjunto de preceitos assumidos sobre o que seria um ato de escritura razoável. E, via de regra, aceitava-se que o bem escrever estaria relacionado ao respeito a uma grade estrutural de conduta, fosse essa grade aquela dada pelos princípios da gramática normativa ou pelas determinações dos gêneros discursivos. Para Morin (1996, p. 240), referindo-se às ciências naturais, a ordem, ou o “princípio do determinismo absoluto”, conduzia a reflexão e dava as linhas diretrizes para se pensar. No entanto, vai-se perceber que um texto, embora, muitas vezes, contenha todos os princípios estruturais necessários, pode não ser necessariamente portador de uma boa textualidade.

Assumida a concepção interacionista de linguagem como rumo das reflexões acerca da produção de texto, um outro paradigma de observação e análise vem se impor sobre a adequação ou não de um texto a uma situação comunicativa, fazendo-se perceber que, mais do que um objeto estruturado, um texto conta com, no máximo, alguns princípios que podem servir como orientação para que o produtor de textos escreva, e o faça bem.

Quando reina a ordem pura, não existe criação, não há novidades possíveis. Quando apenas existe a desordem pura, a agitação, o aleatório, o universo não pode simplesmente existir. É portanto preciso que, desde o início, um determinado número de princípios, considerados como princípios de ordem, provoquem nesta agitação de partículas, vários encontros (MORIN, 1996, p. 142).

Na análise que se fará a seguir, estar-se-á buscando exatamente pôr em evidência alguns destes princípios que, como foi dito anteriormente, podem vir em auxílio de pessoas que se encontram às voltas com a problemática atinente à questão da produção textual, seja por que devem fazê-lo, seja porque devem ensinar a fazê-lo³.

Faz parte crucial da concepção interacionista de linguagem a convicção de que quem escreve produz afirmações sobre o tema de que trata, mas também sobre o seu interlocutor e sobre si próprio. Ou seja, um texto é determinado tanto pela representação que o autor tem do tema trabalhado, quanto do seu interlocutor e de si mesmo. Tornar os protagonistas do discurso partícipes do conjunto de observações que se efetua sobre um texto é trazer para a discussão tudo o que decorre da inserção de cada um deles: há que se olhar para a situação sócio-comunicativa, para as condições de produção, para as instituições, para os objetivos do texto e para as imagens que os interlocutores fazem um do outro. Então, não se está mais observando o

³ Aqui, estar-se-á observando a questão da citação das vozes sociais, para que o autor se destine um conjunto de máscaras e se simule como portador de um certo conjunto de imagens.

conjunto de escolhas como sendo determinadas pela imanência do texto, mas pela relação interlocutiva estabelecida entre os interlocutores postos em interação, os quais têm objetivos, intencionalidades, propósitos e interesses.

3.1 Discurso x Interdiscurso⁴

A partir de reflexões que já se tornaram clássicas nos estudos da discursividade, a exemplo daquelas realizadas por Athier-Revuz (1996) e Bakhtin (1997), ganha espaço central de atenção a convicção de que um discurso não se constitui como uma ilha inteiramente nova que vem se recortar contra um horizonte já trabalhado. De acordo com Maingueneau (1989), o dialogismo e a relação com o outro passaram a ser considerados o fundamento de toda discursividade. Para esse autor, aqueles estudiosos “recusam-se a considerar a constituição dos sujeitos falantes independentemente deste dialogismo generalizado” (p. 111).

Mas, como o próprio autor salienta, “afirmar o primado do interdiscurso sobre o discurso constitui uma tomada de posição cujas implicações, finalmente, permanecem pouco especificadas”. Trata-se, portanto, de buscar uma noção de interdiscurso que permita um terreno minimamente comum de discussão entre este texto e seus eventuais leitores. Esse conceito, para os propósitos que se perseguem aqui, pode-se buscar deduzir da noção de Formação Discursiva de Foucault (1995). Para o autor,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva* – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria” ou “domínio de objetividade” (grifos do autor, p. 43).

Para Foucault, as coisas que são ditas, mais do que estarem interrelacionadas por fazerem parte de um mesmo edifício dedutivo, livro ou obra, estariam ligadas entre si por pertencerem a uma regularidade que as aproxima e as faz participarem de um mesmo corpo do saber: a química, a gramática, a geografia, a economia, dentre outros. O interdiscurso, portanto, referir-se-ia ao fato de que o autor do discurso, ao falar, recorre a um conjunto de enunciados já produzidos num lugar social, ocupado por sujeitos pertencentes a uma mesma formação discursiva. Mais do que da criação de

⁴ Como se quer mostrar por que um texto sobressai frente a outros, questões teóricas serão tratadas mais sumariamente, evidenciando-se os méritos do texto analisado.

enunciados novos, o produtor do discurso se valerá de enunciados já proferidos e que ele arregimenta para, a partir de um projeto global de significação, criar efeitos de sentido que lhe permitem alterar o quadro jurídico que se encontra, até então delineado. Espera-se que essa reflexão sumária seja uma base comum suficiente para a discussão dessa seção.

A noção de interdiscurso é relevante para a análise crucialmente no que diz respeito ao que ocorre em duas passagens do texto do vestibulando.

1. Composto polar, com geometria angular, onde o oxigênio é o elemento mais eletronegativo, faz pontes de hidrogênio como relações intermoleculares e ligações intramoleculares covalentes. Parece complicado tratar a “molécula da vida” sob a ótica da química enquanto estamos acostumados a abrir a torneira e vê-la jorrar cristalina, inodora e insípida.

Pode-se afirmar, sem celeuma, que o parágrafo introdutor da redação é trazido de um campo do saber já constituído: a Química; aliás o próprio vestibulando explicita isso (o que é muito importante). Composto polar, geometria angular, oxigênio, hidrogênio, relações inter e intramoleculares, molécula, cristalina, inodora e insípida são elementos de sentido que se postam num mesmo lugar, num mesmo sistema que rege a sua dispersão, ou seja, que os regulariza e os faz pertencer a um todo. Trata-se de buscar refletir sobre a estratégia levada a efeito pelo autor do texto e que efeitos de sentido ela gera.

Atente-se, antes de mais nada, para o fato de o vestibulando não se limitar a apenas trazer para o seu texto enunciados da Química sobre a água, o que poderia parecer estar sendo feito somente para ocupar, descomprometidamente, um espaço que deve ser preenchido. Ele recorre à Química e o faz de modo a mostrar que sabe que o faz e por que o faz, inclusive, valendo-se do expediente de indicar de onde vem o discurso que utiliza: *sob a ótica da Química*. Ao se valer desse discurso, explicitando que sabe que está fazendo isso, o autor parece agir mais ou menos da seguinte maneira: ele sabe que o seu leitor sabe de onde vem o discurso que está usando e, portanto, não há como enganá-lo, mostrando-se como fonte de um discurso científico socialmente difundido. Ele assume, então, que sabe que esse discurso é conhecido; mostrando que sabe que o outro sabe disso, ele mostra, paralelamente, que ele também o conhece, e não apenas em relação à sua origem, como também em relação aos enunciados que se produzem nele com relação ao tema com que está às voltas, tanto que cria entre os enunciados que seleciona uma relação que parece coerente e lógica. Isso lhe permite mostrar-se como alguém que sabe que o discurso já foi dito em outro lugar, mas que ele não apenas o repete, e sim se vale dele para as suas necessidades interlocutivas, criando de si a representação de alguém que tem que ser considerado com tendo uma certa importância, dada pelo

conhecimento que ele tem desse discurso que goza de prestígio social. De certa forma, ao se valer de enunciados pertencentes a um campo prestigioso de saber, o autor logra o objetivo de se mostrar como alguém que o domina e que, portanto, merece gozar do mesmo prestígio que esse saber impõe sobre aqueles que transitam nele. Ele se apresenta, pois, como um daqueles que tiveram acesso a um conhecimento, a uma disciplina, e que, iniciados, merecem gozar do prestígio social que advém desse ritual iniciático.

Atente-se, em seguida, para o fato de que, frente ao todo do discurso produzido, o saber químico é apenas um dos campos dos quais o vestibulando se vale. Há outros, como a literatura, que serão discutidos a seguir. Recorrer a conhecimentos provindos de diferentes lugares sociais equivale a conferir a si mesmo uma imagem de sujeito que trilha diferentes caminhos, possuindo informações e saberes que não se reduzem a uma especialidade unidimensional e restrita. Mostrar-se como capaz de dissertar sobre um mesmo tema, colocar-se em diferentes pontos de vista e compor uma visada múltipla sobre um tema cria o efeito de sentido de que o cidadão é plural, capaz de se deslocar por diferentes óticas e produzir uma apreciação bem mais completa do objeto em análise do que aconteceria, caso o prisma de observação fosse um apenas. O vestibulando não pode, pois, e não quer ser considerado um alienado preso a um único ponto de vista ou ao senso comum: ele consegue se mostrar como tendo diferentes miradas e se caracterizando pela complexidade do cidadão bem informado.

Por fim, atente-se para o fato de que é normal o leitor do texto não se perguntar se os enunciados que o autor produz sobre a água são verdadeiros. Mero fetiche que a palavra escrita ainda exerce sobre o leitor? Podem haver outras razões. Uma: os enunciados podem muito bem ser verdadeiros; outra: eles também podem não ser, vindo essa aparência de verdadeiros da forma como que foram costurados: parecem verdadeiros; não precisam ser necessariamente. Pensando-se na terceira hipótese, a estratégia é extremamente interessante, dado que, ao corretor de redações que está às voltas com milhares de redações para corrigir, não é possível procurar um professor de Química para saber se os enunciados são falsos ou não. E o que importa, no fim, para o autor, é que o texto crie o efeito que ele pretende; se ele diz a verdade ou não, não é um problema que deva incomodar muito.

Importa, para fechar a seção: ao se valer de enunciados vindos da área da Química para falar sobre o desperdício de água (caminho que não precisaria ter sido trilhado), o autor criou de si, frente ao leitor, a imagem de alguém que tem certos saberes, diferentes óticas e um conjunto bom de informações, merecendo estar numa universidade, mesmo que seja apenas pelo fato de mostrar, com o seu texto, que faz “uma imagem altamente positiva da banca de corretores” (fala de um corretor, analisando o texto).

A reflexão feita sobre a atividade interdiscursiva produzida com relação à Química pode ser aplicada, *mutatis mutandis*, ao enunciado que inicia o parágrafo final do texto: nele há, pelo agenciamento de alguns elementos

indiciais, a reatualização, em reminiscência de todo um discurso característico de um certo período da literatura: o arcadismo.

2. Enquanto enxergamos nosso país bucolicamente, como árcades em ambiente campesino, nos esquecemos de quão efêmero é o “ouro transparente” que possuímos.

No arcadismo, contrariamente à racionalidade desenvolvimentista e tecnológica que começava a se mostrar desenfreada, os poetas pregavam o retorno ao contato com a natureza e a vida simples, atribuindo à natureza um conjunto de virtudes não existentes na vida citadina. Eis o autor textual se valendo de um discurso que possui um certo prestígio, tanto para efetuar uma crítica às atitudes dos homens frente à água (alienados que estão, não perceberiam o que fazem), quanto para criar o efeito de que é possuidor de um conhecimento que o faz merecedor de ser um dos selecionados para ocupar um lugar numa universidade.

3.2 Texto x Intertexto

Se, por um lado, a noção de interdiscurso se refere ao fato de um texto não emergir de uma ilha sem origens, mas de dentro de formações discursivas razoavelmente delimitadas e que circunscrevem um certo tipo de saber, o conceito de intertextualidade, como quer Genette (1982), em geral, aplica-se aos casos em que um texto faz referência, no plano da expressão, a um outro efetivamente existente: texto articulado sobre outro, dele, o último guarda traços que demonstram um trabalho calcado na memória textual e discursiva de uma coletividade.

A utilização da citação de textos efetivamente existentes pode sobredeterminar o texto com uma variação muito grande de efeitos de sentido que resultam desse processo de relação dialógica. Os casos limites são o que poderia ser considerado como um uso patológico da citação, sendo a conjunção de fragmentos textuais nada mais do que o ajuntamento aleatório de porções textuais que não demonstram estar sendo selecionadas a partir de um projeto discursivo visado pelo autor textual, e o que poderia ser chamado de atividade de apropriação (Sant’Anna, 1985, p. 46). Para o autor, ela é “um gesto devorador, onde o devorador se alimenta da fome alheia. Ou seja, ela parte de um material já produzido por outro, extornando-lhe o significado. É, de alguma forma, um desvelamento, ou, para usar uma expressão psicanalítica, um desrecalque e o retorno do oprimido”.

Se, por um lado, pode-se perceber que o uso intertextual efetuado pelo vestibulando não chega a extornar o significado primitivo que os textos lembrados possuem, por outro, também não se pode pretender que ele meramente os retome como forma de preencher um espaço em branco que ele tem como tarefa fazer ser maculado. Se o seu trabalho não chega a

caracterizar o que Sant'Anna chama de apropriação, também não se pode dizer que o texto use a citação como estratégia de preenchimento (LEMOS, 1977). Na atividade de se valer de uma passagem já conhecida e engastá-la no seu texto, observando, com oportunidade, a sintagmática do novo texto e a relação dialógica que ele, citante, estabelece com o texto citado, denuncia-se um trabalho de aproveitamento de textos anteriores que vêm para outro local para cumprir um papel que se esclarece à luz do projeto discursivo de um sujeito às voltas com a produção de um texto para um concurso.

Buscar-se-á, a seguir, perseguir que atividades intertextuais foram realizadas; de onde elas foram retiradas; dentre as possibilidades de escolha, que seleção foi efetuada; que efeitos de sentido essa atividade gera, chamando-se a atenção para dois. As atividades intertextuais levadas a efeito pelo vestibulando, pelo menos no sentido estipulado acima, parecem ser basicamente as que se encontram destacadas abaixo.

3. “Estrela” para a vida inteira?”

4. Apesar da Terra ser considerada um “planeta água”, por possuir cerca de 70% de sua superfície coberta pelo líquido, a maioria deste é composto pelos oceanos o que o inviabiliza ao consumo.

5. Enquanto tropeçamos nessa “pedra no meio do caminho” chamada desperdício, usando água potável até nas descargas das privadas, países como Israel dispõem consideráveis recursos na captação dela por meio de destilações.

6. Destruindo matas ciliares, nos descuidando com efeitos como o da chuva ácida ou da poluição em nossos mananciais, no futuro mesmo “cidades das águas” como Cascavel poderão ser retratadas com “Vidas Secas” como em “O Quinze” em um “Grande Sertão: Veredas”.

Quanto à questão de onde foram retirados os fragmentos intertextuais, eles têm as origens seguintes: o fragmento três se aproxima do título de uma obra poética de Manuel Bandeira; o excerto quatro provém da música “Planeta Água”, de Guilherme Arantes, que participou de um dos festivais de música popular brasileira; o intertexto cinco é retirado de um conhecido poema de Carlos Drummond de Andrade; no caso do exemplo seis, há mais de uma ocorrência de intertextualidade. O primeiro remete à antonomásia da cidade de Cascavel, conhecida como a “Cidade das Águas”; o segundo faz referência a um conhecido romance de Graciliano Ramos; o penúltimo, a um romance de Rachel de Queirós e o último remete ao famoso romance de Guimarães Rosa “Grande Sertão: Veredas”.

Chama a atenção, na intertextualidade produzida pelo autor do texto, o fato de ele, antes, ter optado por recorrer a este tipo de trabalho e, depois, ter escolhido trazer à luz essas escolhas e não outras que poderiam servir

para o mesmo propósito, caso se tratasse apenas de exercer a atividade como uma ocorrência que teria um fim em si mesma: gratuita. É dessas duas observações que derivam os dois efeitos de sentido que parecem ser obtidos pelo projeto discursivo do autor do texto e que serão discutidos a seguir.

O primeiro deles diz respeito à opção por trilhar o caminho da intertextualidade. Esse caminho poderia não ter sido seguido, mas ele o foi: portanto, há uma razão a ser buscada para o seu aparecimento. Muitas vezes, o recurso a fragmentos de textos provindos de outro lugar revela nada mais que uma estratégia de preenchimento, uma atividade que se destina a meramente oportunizar o preenchimento de um espaço delimitado. Não é o que ocorre aqui, já que o limite mínimo de linhas para a redação (vinte) foi ultrapassado (vinte e oito), atingindo quase o limite máximo admitido pela prova de redação do vestibular (trinta): o que também, parece evidente, visa a criar um efeito de sentido. Deve ser outra, portanto, a razão para que o recurso a intertextos fosse posto em movimento.

Talvez se possa pleitear que o que motivou o autor a fazer uso dessa estratégia foi buscar constituir de si mesmo, frente ao interlocutor, corretor da sua redação, a imagem de alguém que possui um certo nível de leituras, cujo conhecimento não se limita ao que se poderia chamar de o senso comum ou o saber cotidiano e rasteiro propiciado pela audiência aos meios de comunicação de massa. Fazer referência a um certo número de textos em relação a um tema específico parece permitir ao produtor do texto estar dizendo de si, sem o dizer explicitamente, que ele possui um conjunto de conhecimentos que lhe foi oportunizado pela leitura de um número de obras (inclusive literárias), transcendendo, inclusive, o número de excertos dados para seu uso pela equipe elaboradora da prova⁵. Ele, portanto, leitor que é, pelo menos, nesse primeiro caso, quantitativamente, mereceria estar numa universidade. Por detrás de cada citação, poder-se-ia postular uma voz autoral que sussurra ao corretor: *está vendo como sou bom leitor? Está vendo quanto eu leio? Mereço ou não mereço ser aprovado?*

O segundo efeito de sentido, que, naturalmente, vem ligado ao anterior, refere-se à escolha de a quais excertos dar memória, enquanto outros foram relegados ao esquecimento. Observe-se a que autores o texto escolheu dar voz: Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Guimarães Rosa e Guilherme Arantes (poetas, romancistas e músico de cuja representatividade não se duvida). Pelo fato de escolher realizar um número de intertextos, quantitativamente, portanto, o autor obteve criar de si a imagem de uma pessoa proficiente em termos de leitura de textos. Pela via de a quais intertextos, então, realizar, ele parece ter conseguido criar de si a imagem de

⁵ Na prova de redação do vestibular da Unioeste, sobre o tema que o vestibulando deverá escrever, são dados alguns pequenos excertos de textos para que ele, se achar conveniente, possa utilizá-los na confecção da sua redação.

um sujeito que não apenas é um bom leitor em termos quantitativos, mas também em termos de pertencer a um certo *status* específico de leitor, cuja qualidade se pode deduzir dos textos a que ele faz referência. Para quem está pleiteando uma vaga numa universidade, espaço onde, por menos que se leia, ainda assim se sabe do valor que possuem os escritores acima, mencioná-los e assumir que já se esteve às voltas com as suas obras, ícones que são no mundo acadêmico, deve poder induzir o corretor leitor a imaginar que ele está frente a alguém digno de ocupar uma vaga no ensino superior. De novo, a voz autoral em sussurro: *eu li, li muito, e não qualquer coisa: veja a qualidade de minhas leituras... mereço ou não uma vaga?*

No tocante à estratégia da intertextualidade, que, no caso do texto, foi feita buscando a realização de um projeto de sentido que guiava escolhas e estratégias, as palavras de Bakhtin (1997, p. 144) parecem ser o fecho apropriado, além de ser uma lição para quem quer se valer dela para textos próprios: “O discurso citado é o *discurso no discurso, a enunciação na enunciação*, mas é, ao mesmo tempo, um *discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação*” (grifos do autor).

3.3 O Dado e o Conhecimento Enciclopédico

De acordo com Eco (1986), todo texto é uma máquina preguiçosa ou um mecanismo reticente. Com esse tipo de postulado, o autor pretende chamar a atenção para o fato de que os textos não são (nem poderiam ser) totalmente explícitos, cabendo ao leitor trazer para a atividade de leitura um conjunto de conhecimentos que vão preenchendo os espaços vazios e que devem ser, de alguma maneira, supridos pela atividade de recepção, o que, em não ocorrendo, isto é, em não havendo a atividade cooperativa que o texto pressupõe que deva ocorrer, fará com que ele pareça esburacado e sem uma unidade de sentido. A esse conhecimento excedente que o leitor deve possuir para poder processar o sentido do texto com que se depara, Eco nomina *Conhecimento Enciclopédico*. Este é um conceito bem estabelecido na literatura técnica, mas que se encontra pensado sempre da ótica de quem lê: o que está em jogo é a descoberta de que tipos de conhecimentos o leitor deve estar de posse para que o sentido possa ser construído.

No entanto, também sob o ponto de vista do produtor do texto, parece que o conceito de *Conhecimento Enciclopédico* pode ser pensado, não mais se aplicando, então, ao que deve ser trazido para suprir eventuais lacunas do texto, mas ao conjunto de informações de que o autor se vale para cercar o tema com que está tendo que se haver. É nessa dimensão que conceitos como o de *informatividade, progressão, relevância e consistência*, como também o de *argumentatividade*, ganham peso e forma. É só do ponto de vista dos saberes que são trazidos para o texto, de que forma se encontram articulados e em que grau são importantes para a materialidade em que se encontram que se pode falar sobre um texto ser informativo, progressivo, não

contraditório, não redundante, dentre outros qualificativos. Parece óbvio que quanto mais o saber da cultura consagrada esteja no texto, mais ele tenderá a parecer progressivo, informativo e não circular, criando uma imagem positiva do sujeito produtor.

Considerem-se os enunciados a seguir. Eles são mantidos, propositadamente, na mesma seqüência que possuem no texto, para que, desde já, seja possível afirmar que ele é altamente informativo, possui uma progressividade constante e arregimenta para o projeto de discussão que visa a realizar um conjunto relevante e consistente de argumentos.

7. O Brasil pode ser deficiente em muitas áreas, como segurança, saúde, educação, porém possui um considerável recurso: água em abundância (o que não quer dizer que todos os brasileiros a possuam).

8. Ainda existe a parte que cabe às precipitações, evaporações, presente nos organismos e nas calotas polares, restando assim pequena parcela de água doce em condições de uso.

9. A região do Sertão Nordestino atingida pela falta de chuvas (relacionadas a presença do Planalto da Borborema) poderia ter seus problemas amenizados com o redimensionamento do “Velho Chico” mas falta iniciativa governamental.

10. A região Sul possui o maior reservatório subterrâneo do planeta, o Aqüífero Guarani, e apresenta regiões onde o abastecimento hídrico é deficiente.

11. (Nós desperdiçamos), usando água potável até nas descargas das privadas, países como Israel dispendem consideráveis recursos na captação dela por meio de destilações.

12. Não esquecendo de Estados Europeus onde o que chega às torneiras é água retirada e reabilitada dos esgotos de suas cidades.

13. Não raro é encontrar nestes países locais onde quarto com chuveiro é mais caro em hotéis e o hábito, próprio dos brasileiros, não deve ser diário.

14. Destruindo matas ciliares, nos descuidando com efeitos como o da chuva ácida ou da poluição em nossos mananciais, no futuro cidades ...

No enunciado 7, os conhecimentos que o autor do texto mostra ter se referem às condições de vida da população brasileira e que poderiam ser chamados, genericamente, de problemas de ordem *política*; no enunciado 8, os saberes são relativos à *hidrografia* e estão ligados a acontecimentos pertinentes à água e sua distribuição; nos enunciados 9 e 10, o conhecimento se relaciona à *geografia* brasileira (região sul e nordeste), bem como à *cultura*

popular, no caso do “Velho Chico”; nos enunciados 11 e 12, os conhecimentos ativados se referem a um saber que, de uma forma mais “literal”, pode ser chamado de conhecimento de *mundo*, já que, neste caso, os saberes mencionados extrapolam fronteiras paroquiais de apreensão, alcançando limites mais amplos de informação, seja sobre o tema em debate, seja sobre espaços geográficos distintos daquele a que pertence o produtor do texto; no enunciado 13, os saberes estão ligados ao campo da *higiene*, já que tratam de questões relativas a “quartos com chuveiros” e ao “hábito, próprio dos brasileiros” (tomar banho diariamente); no enunciado 14, os conhecimentos poderiam ser pensados como pertencendo ao campo da *ecologia*, que, em linhas gerais, trata sobre questões ambientais e sobre problemas advindos de uma certa forma de uso do meio ambiente.

Por que se buscar fazer uma descrição quase que exaustiva dos enunciados em que um conhecimento relativo à enciclopédia do leitor é trazido para dentro das margens textuais? Justamente, para demonstrar os caminhos múltiplos perseguidos pelo autor do texto e para comprovar que ele demonstra possuir uma gama variada de informações sobre o tema de que deve tratar (isto permite dizer que seu texto é progressivo, informativo, relevante, consistente e com um número otimizado de argumentos), mas também para poder refletir, mesmo que brevemente, sobre os efeitos de sentido que podem decorrer daí, na relação interlocutiva que se processa entre o autor e o leitor/corretor do texto.

Como se pode perceber, o produtor do texto demonstra explicitamente não estar encerrado num campo único de saber, como se só tivesse condições de olhar para um objeto de um ponto de vista único, mesmo que especializado. Ele se mostra como alguém que transita por um conjunto plural de saberes, que provêm de miradas distintas de olhar e que, portanto, complexificam o conjunto de informações que se tem sobre um tema, assim como fazem parecer complexo, bem informado e “sabido” aquele que detém esses saberes: cidadão complexo, bem informado, leitor atento e plural: *eu sei, eu transito, eu domino*. Na estratégia de se mostrar como aquele que sabe e que está bem informado, o alcance do objetivo de se mostrar como digno de estar numa universidade: cidadão plural, cidadão do mundo. E a estratégia gera efeito: basta ver a nota obtida pelo candidato.

Isto tudo se deveria, então, a um malogro do corretor, que, ludibriado, enganado, seduzido, persuadido, “idiotizado”, ter-se-ia deixado levar pelas artimanhas manipulativas do autor do texto? Parece claro que não. Não resta dúvida que o conjunto de imagens que acabam sendo atribuídas ao produtor do texto advenham de ele se mostrar como se mostra, seguindo os caminhos que segue. Mas, talvez não se possa esperar outra coisa de um candidato que deve fazer uma redação que a demonstração de que, em se valendo de vozes providas de diferentes origens, ele sabe arranjar-las num todo, fazendo com que um conjunto disperso de enunciados provindos de lugares diferentes do saber possam ser unificados num projeto textual global de significação, que

se mostra portador de uma unidade coerentizadora. Talvez não seja outra coisa que se espera dos produtores de texto, que não que eles se mostrem capazes de, tal qual maestro regendo uma orquestra, valerem-se das notas distintas emitidas pelos instrumentos diferentes para compor uma sinfonia que, enquanto todo, mostra a necessidade da presença de cada voz e de cada sopro: acorde.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A melhor maneira de começar o fecho deste texto parece ser indicando um expediente seguido pelo vestibulando em dois enunciados. Neles, ele demonstra, de forma crucial, a forma de atividade que ele realizou no todo do texto que produziu. Eis os dois enunciados:

15. Parece complicado tratar a “molécula da vida” sob a ótica da química enquanto estamos acostumados a abrir a torneira e vê-la jorrar cristalina, inodora e insípida.

16. Enquanto enxergamos nosso país bucolicamente, como arcades em ambiente campesino, nos esquecemos de quão efêmero é o “ouro transparente” que possuímos.

Estes dois enunciados já foram destacados, mas por outra razão: o interdiscurso. Agora se trata de observar, especificamente, as duas ocasiões em que o vestibulando usou aspas, que não por causa da intertextualidade: “molécula da vida” e “ouro transparente”. Como já se encontra assentado a partir dos estudos de Authier-Revuz (1996), o uso de aspas se presta, sobretudo, a criar o efeito de um distanciamento crítico em relação àquilo que se diz, seja porque se questiona o seu significado, porque se pretende mostrar que se sabe donde vem ou porque não se quer assumir tais palavras como próprias, ou outros efeitos possíveis. Usar aspas, enfim, permite simular o controle e a consciência sobre o que se diz, aparentando estar de posse do sentido que se busca enquanto projeto e dos efeitos que tal uso deve criar no texto em que aparece.

As duas passagens citadas, como embaixadoras metonímicas que são do que ocorre no texto, revelam em alto relevo e de forma crucial, o trabalho que o produtor do texto pretende demonstrar que está fazendo sobre as vozes sociais que o circundam, agenciando umas, questionando outras, enfim, fazendo com que cada uma, a seu modo, concorra para criar a imagem de um sujeito leitor, politizado, complexo e informado.

Como afirma Mainqueneau (1989), afirmar o primado do interdiscurso não deve conduzir a reflexão a se lamentar por um carência, mas antes a se dar conta da necessidade de que todo texto põe em cena outras vozes, logrando, heterofagicamente, dar-se vida. Mais do que imaginar que o uso de discursos sociais existentes possa levar a concluir que se está frente a quem

não tem o que dizer de próprio, a pluridiscursividade, quando feita a partir de um projeto de sentido global que a usa como forma de obtê-lo, isto é, a partir de um princípio de maestria como o que se viu ocorrendo, é uma das maneiras, e a mais importante, quem sabe, para que se possa exercitar o direito de dizer e de o fazer com substância.

A demonstração de não fechamento num campo especializado de saber ou a obtenção da superação da mera reedição de um discurso que se diz por dizer, sem uma reflexão mais profunda, obtidas, aqui, por meio da estratégia da polifonia (muitas vozes cantando em coro uma sinfonia), mais do que conduzir a imaginar um sujeito que não sabe do que fala, permitiu que o candidato se representasse e fosse representado como alguém digno de estar num curso superior. Pela auto-atribuição de um conjunto de máscaras, assumindo os pontos de vista da higiene, da literatura, da música, da química, da cultura popular, da geografia, da hidrografia, da política e da poética, pela assunção de um texto construído na urdidura da trama de vozes várias, polifônicas, e pelo reconhecimento em que situação interlocutiva se encontra e o que deve fazer para ser tido como relevante frente a ela, pode-se afirmar que o autor obteve o resultado alcançado. O fato de dizer coisas que já estão ditas, antes do que demérito para um texto, permite criar efeitos de um sujeito complexo e leitor, que tira sustento de onde parece nada haver que possa render alguma coisa nova. Uma passagem de Possenti (inédito, p. 9) aponta para o princípio que se buscou demonstrar aqui.

O texto é um bom exemplo a ilustrar a dúvida introduzida por Pêcheux sobre quem seja o sujeito: 'discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro?'. Para a maior parte dos enunciados introduzido como de responsabilidade de outros enunciadorees, pode-se imaginar que o autor está 'fingindo'.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas*: as não coincidências do dizer. (Trad. Claudia R. Castellanos Pfeiffer et al.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). (Trad. de C. M. Cruz e J. W. Geraldi). In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*, v. 19, p. 25-42, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. *Questões de literatura e estética*: a teoria do romance. (Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al.). 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

COSTA VAL, Maria da Graça. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ECO, Umberto. *Lector in fabula*. (Trad. Atílio Cancian). São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. *Interpretação e superinterpretação*. (Trad. MF). 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. (Trad. Luiz Felipe Baeta Neves). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

_____. *O que é um autor*. (Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro). Lisboa: Veja Passagens, 1992.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Editions de Seuil, 1982.

LE MOS, C. G. Redações no vestibular: algumas estratégias. *Cadernos de pesquisa*. v. 23. p. 61-71, 1977.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. (Trad. Freda Indursky). Campinas: Pontes, 1989.

MORIN, Edgar e PRIGOGINE, Ilya. *A sociedade em busca de valores: para fugir à alternativa entre o ceticismo e o dogmatismo*. Lisboa: instituto Piaget, 1996.

POSSENTI, Sirio. *Discurso, sujeito e trabalho de escrita*. (inédito)

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.